

LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

---

## O NASCIMENTO

Cristina Pape, 2010

Dedico este conto, se assim posso chamar, ao meu parteiro, às minhas flores de jardim Margaridas, à minha amiguinha que veio da Hungria, à voz da realidade, à rainha da Malagueta, à apaixonada pelo Faísca, à minha amiga que me mandou abrir a barriga, a quem corre de lá para cá e sempre que pensa que vai acalmar mas cai uma bomba que deve ser desarmada, ao amigo de quem fui sempre madrinha, aos amigos que meu nome mandaram vibrar, àquela que por tantos anos tem me dito palavras verdadeiras em poucas frases e ao meu anjo da guarda que só usa preto, desdizendo que anjos são de cor clarinha, sim, a pele... porque foram os elos que mantiveram minha essência neste planeta.

Os outros, todos no meu coração, e a alguns que fiquem para sempre na lata do lixo.

No dia 4 de agosto de 2010 eu nasci. Agora um pouco paulistana. Novas raízes aqui. Por anos. Não só carioca, porque se tantos anos no Rio de Janeiro vivera, cidade cheia de alegrias e cachoeiras - armadilhas afetivas - agora aqui deixei partes, transformei fragmentos de minha essência. Partes de meu corpo que só Deus saberia me explicar agora pertencem a outrem. Não pedaços de cabelos ou de unhas que tão corriqueiramente jogamos no lixo, partes dos corpos que habitamos mas outras e eu não as queria mais, já que caminho certo para futuro curto.

Os cinzas da cidade de tom em tom vão se tornando aos poucos mais coloridos. Cinzas coloridos. Meu amigo estudioso de Cézanne diria: cinza sempiterno. Flores roseamente, amarelamente, aboboragens em todas suas variedades e o frio que corta a pele, vento que deixa a cama mais aconchegante. Fragmentos de cores que vejo pelas janelas.

Não tenho direito absoluto de descansar – só o relativo- mas sim acreditar que as cerejeiras da Liberdade de róseo desabrochar e intensidade impar no seu futuro de frutos deliciosos, intensa cor, que os japoneses serão capazes de transformar em Kurozawa. Sonhos que ainda acalento. Suave perfume que ajuda o nascimento e a credence de que hora destas, vou estar pulando na piscina de águas tão azuis como o céu. Céu completo com nuvens desfilando ao sabor do vento. Ahs...sim, são ahs...as nuvens, a elas pertence a brisa, tempestades, alterações contínuas do tempo. Ao vento pertence meu corpo boiando nas águas de meu prazer.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

[laboreuerj@yahoo.com.br](mailto:laboreuerj@yahoo.com.br)

[www.polemica.uerj.br](http://www.polemica.uerj.br)

LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

---

Ah, as jabuticabeiras, troncos brancos de flores loucas em frutificar como bolinhas negras, loucas sim por um pouco de poluição, aqui em abundância. Troncos tortuosos, brancos e flores ao porvir do negro de cada fruto. Ao futuro cabe oferecer-nos a suavidade doce de sabor único.

Aguardar no tempo. Quem haveria de dizer, porque até Paulo, agora santo, se vivo, também desconfiaria. Tempo também é assunto de santo Agostinho... confessou ele.

Os sabiás que muitos jamais acreditariam aqui existir, todos os dias cantam à sombra das árvores perto de meus sentidos e minha janela. Canto inconfundível de infância de avô que tantas prendera em gaiolas onde nunca se sentiram as cantoras que são sua própria natureza. Silenciosas pela prisão, abrir as asas ao tempo, chuva ou sol e voar com a liberdade do canto. Como moleques gazeteiros alegravam aquelas tardes de mato, insistente em terra ácida. O que lhes importava? A liberdade e as laranjas lhes bastavam. Mas, eu ia falar de meu nascimento...

Falemos do parto.

Não foi um parto normal, ah não foi não. Tudo muito diferente do que sequer imaginara. Se um dia o soubesse, será que nasceria?

Mas minha alma começara a ter as dores do parto há muito tempo.

Não sei exatamente o dia, mas sei que foi há muitos meses. Este parto que deveria ter sido antes, só aconteceu agora. Ironia da vida e falta de atenção aos sinais que lá estavam avisando que eu deveria renascer, de alguma maneira e rápido, se é que isto é possível.

Eu, que não tinha corpo, possuía somente a certeza de que não seria um nascimento simples, fácil, porque a alma sente o que o corpo ainda não identificou e me dizia- olha, não será fácil- mas era imperativo nascer. Dicotomia dura é esta mas também verdadeira. Vegetar só às alfaces, às lesmas das alfaces e outros seres semelhantes.

Enfim, aquele corpo etéreo vai ficando desconfiado, percebe que o entorno não está ajudando muito, mas ao mesmo tempo há uma profunda sabedoria celular que vai orientando para o caminho que lhe dará a certeza de que vai sobreviver, e que depois dessa fase, vai viver a luz do sol, mas muito, muito seletivamente.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

[laboreuerj@yahoo.com.br](mailto:laboreuerj@yahoo.com.br)

[www.polemica.uerj.br](http://www.polemica.uerj.br)

LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

---

O dia de meu nascimento foi curioso. Fui para um lugar muito limpo, cheio de pessoas que perguntavam coisas, mandavam eu bebericar algum líquido, mas não é de minha matéria saber o que era, então fui fazendo o que me mandavam, certa de que isso seria a minha outra vida. A de antes iria acabar ali. Aquele corpo etéreo estava com. Um dia.

No dia 4 propriamente dito, eu fui sendo trocada de local para local, ora cama ora sala, ora luzes ora nada, até ficar gelada e cheia de gente em volta. Tudo confuso, mas nascimento é coletivo. Potinhos sem nome e sem cor. Trôpegas dúvidas absurdas de poesia naquela hora. Chorava de medo do novo corpo, do depois daquilo tudo e chorava pelo medo de sumir para sempre. Não tinha mais o corpo que agora era de outros. Ausência de autonomia e um nascimento se anunciava. Medo. Nem minha consciência existia mais na hora daquela passagem. Entrega in-voluntária. Ah, mal-ditas palavras de antes...

Lembro-me da tentativa de me encontrar nos caminhos do fluido da vida, vermelho. Míseros canais autônomos que se escondem quando querem, somem e ninguém sabe como e nem porque, mas é assim. Lá estão, mas como almas, não são vistos por qualquer um... só pelos videntes. Ali não havia nenhum para minha nova vida. Quem há de ver agora sou eu com meus olhos e meu espírito. Canais que nem de longe são os de Veneza. Lá está um!

Tanto faz estar vivo como morto, porque as tarefas e vida continuam mesmo que não se queira. Não há suicídio. A vida permanece. Ilusão aquele que acredita que há que se esconder da vida, do essencial de estarmos neste universo que não nos explica nada, só nos traz mais perguntas. Entregar.

Acho que quando me mandaram respirar fundo para não ver como se dá o milagre da vida, parei de respirar. Será assim que se nasce? Pare de respirar e eu achava que esta era a base da vida. Curioso, parar de respirar se o ar é tão bom. Um ar puro, que enche de alegria nossas vidas. Ar de Paris, ar da serra, ar limpo.

Ao acordar neste mundo, novo corpo, vejo- será que vi mesmo?- um homem sorrindo, sorriso comedido mas este eu já conhecera e ele dizia, que meu nascimento fora um sucesso. O que seria isso? Não tive grandes traumas de parto? Não passei por canais em que se usa o forceps para puxar o ser à vida, não usaram mecanismos de violência contra meu corpo ?

A coruja continua em seu pio noturno e sua companheira responde. Cada uma em sua árvore. Lá estão há anos. Sinto falta delas. Será que continuarão a me visitar? Nem sabem que o fazem. Só piam e gorgulham, verbo que invento pra explicar o que a coruja faz...



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

[laboreuerj@yahoo.com.br](mailto:laboreuerj@yahoo.com.br)

[www.polemica.uerj.br](http://www.polemica.uerj.br)

LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

---

Que lugar estranho. Eu meio consciência e meio sem consciência. Isso é possível? Do meu lado estava Paulo, que falava ansiosamente sem parar, jovem recém-nascido, falava sobre o seu joelho e ele era um sucesso. Como pode um joelho nascer? Não entendi bem, mas me apresentei: olá Paulo, você é popular. Boa sorte para você. Nenhuma resposta. Parecia que eu estava falando bobagens e eu a elogiar. Brincando. Ele se foi. Deve ter me achado louca. Maria. Louca, sim porque sou Maria também. Meu corpo era metade sim metade não. Foi isso? Consciência de que existo pela metade, como pizza de tomates e aliche.

E o frio? Me aqueçam, me aqueçam, eu vinha de um lugar meio morno, meio quente, sei lá, algo assim...Meu novo corpo quer calor. Novos corpos não sentem fome.

É... parece que é assim, mas depois que comecei a viver, abri os olhos e não entendia o que me diziam e então é que fui sentindo como era difícil agora, como fora duro este parto, e que agora eu estava num lugar desconhecido de tudo e de mim mesma. Eu estava no depois. Onde ficara o antes? Isto deve ser o passado. Dizem.

Mal abria os olhos. Não enxergava e como um bebe tinha os olhos desfocados. Eu produzia muita coisas. Gosmas, líquidos, cheiros, tal qual um recém nascido, reagia assim ou assado, mas não daquela maneira que nos faz voar para mundos paralelos. Era fincar o mundo de pés no chão, se assim posso dizer. Pernas moles. Maria mole, Maria mole, você é Maria mole! Com côco em volta que se tira... fruta adocicada demais e enjoativa.

Meus pés ainda não haviam tocado o chão. Eu, a Maria, sim sou Maria, a mole. Deus, vi com visão ainda turva e sem foco, porque foco demora também, minha querida amiga. Chorar não porque ainda não havia água sobrando, creio ou a gente não chora lágrimas quando nasce, só aquele grito da palmada nas nádegas? Todas as preciosas gotas eram economizadas para minha nova vida. Para o fluido, para a saliva, para a urina, para o resto todo. E nem sei mais para o que. Eu, bebê.

Ato involuntário.

Mas o acalento de perceber que eu nascera era muito bom.

Deste momento em diante, aí sim, realizar as primeiras tarefas que a vida dos homens no planeta terra exige me levava à exaustão, ao medo e à vontade de começar a poder viver neste novo corpo. Um paradoxo. Quero voltar no tempo. Não quero mais isso. É muito duro ser bebê. Socorro!



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

[laboreuerj@yahoo.com.br](mailto:laboreuerj@yahoo.com.br)

[www.polemica.uerj.br](http://www.polemica.uerj.br)

LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

---

Onde estavam as sabiás, as cores? Os cinzas sempiternos? Onde estavam?

Eu queria todos ao meu lado. O canto triste da sabiá que podia voar. Onde estava? Não, não era delírio. Eu ouvira elas cantarem, eu vira as cores amarelas, abóboras, vermelhas e agora, onde estavam? Recém nascidos só vêm pela ótica da distorção?

O primeiro momento é abrir os olhos e a identificação de seres que já sabias existir e que lá estavam. Acalento no coração. Mas a lembrança é afetiva e eu queria os sons de outrora.

Telefone tocando e eu falando que tinha nascido. Renascido, recomeçava agora e ao mesmo tempo era paradoxal. Como eu poderia falar isso se nem bem sabia o que estava acontecendo? Parecia uma grande mentira. Mas era isso sim. Idosos, velhos, jovens, todos nascemos. Alguns mais do que uma só vez. Renascem. Extraordinários. Coragem de novos corpos.

Cada letra um gole de ar. Ai que vida louca! Contar o numero de letras e usar os significados mais precisos. Wittgenstein que me socorra. Não há nada preciso. Só relativo. Me ajudem vocês, filósofos das palavras. Tarefa para poetas. Gases que entram, gases que entraram, gases que entram e lá estão, mas como? Estou muda! Tudo deixa marcas. Tudo deixa marcas. As marcas lá estavam me dizendo que iria doer. Ah, como iria doer no sorriso desenhado do gato de Alice, num país longe de ser o das Maravilhas, mas quem sabe o era e não percebi? Mas o sorriso que nem podia ver, sem espelhos...

Todos riam, sorriam, viam e comentavam: que belo sorriso. Uma festa a minha barriga com o sorriso e todos saiam felizes depois de sorrir comigo. Eu acreditei. Hoje começo a sorrir com eles.

Desta forma, simples, percebi que minha barriga fora a que mais sofrera com este nascimento. Barriga que é o centro de cada ser e lá estava ela. Estranha, porque acho que eu nascera pela barriga. É, fora pela barriga sim, senão não ficariam toda hora olhando meu sorriso, que como o gato de Alice não se via o corpo, só o sorriso matreiro e maroto. No fundo todos temos um quê de Alice. Lewis Carrol, venha me salvar, pela física, pela psicanálise, não importa, mas venha logo!

Por outro lado, existem gases que levam balões quase à lua e eu ali presa sem poder flutuar. Que paradoxo. Pronta para voar e não podia sequer me mover...



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

[laboreuerj@yahoo.com.br](mailto:laboreuerj@yahoo.com.br)

[www.polemica.uerj.br](http://www.polemica.uerj.br)

LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

---

Que fazer a não ser esperar, paciência de sabedoria chinesa... esperar e o balão iria flutuar mais tarde. E, eu nele, ele em mim, sei lá. Blufffff...

Este novo corpo, com e sem partes, eis outra situação de meu nascimento. As tripas, como grandes tubos do qual se fazem maravilhosas lingüiças, herança germânica que trouxe comigo nesta nova vida, estavam entupidas. Pouco a pouco iam enchendo elas com caldinhos, com frutas, mas enchendo, enchendo e nada de sair caldinho, suquinho, frutinha e folhinhas. Parecia um ganso na engorda. Pés presos no chão, perversamente pregados e o tubo sendo enchido. Um horrrrooooooor, diria Esther Emílio Carlos, que já se foi. Foi passear noutros mistérios da outra vida ou desta, saberei lá eu...

É Esther, um horrrror!

Ora, aqui em quase confissão, tudo que sobe tem que descer, tudo que enche tem que esvaziar e eu ali, balão preso à cama e ainda por cima com os elementos opostos: se um me poderia voar o outro me fazia ancorar. O que é isto? É assim????

Ah, não há ser recém nascido que possa entender isso. Muito complexo mesmo. Muito bizarro. Sinistro, palavra de novos tempos, já que sou novinha agora. Tô bolada!

Voar e ancorar. Ais de novo invocam a palavra de Deus para poder entender tanta diferença. Bem tanta não se pode dizer que entendia tudo aquilo mas sim o paradoxo de Zenão e de Senão... flutuar e ancorar.

Vira daqui, vira dali e tudo se transforma em coisa difícilima. Meus braços de nadadora já não serviam para nada. Fracos, ai Deus, eu não renascera mais nadadora, o maior prazer da outra vida? O que fizeram comigo? Que nascimento foi esse que me tiraram o melhor de mim? Estaria eu agora sem braços ou os dois se deixaram levar pela espírito de Macunaíma? Ai que preguiça, mas ali não dava para ter preguiça. Os braços eram meus! Eu quero meus braços. Quero!

Todo corpo quando nasce tem que começar a andar. Nunca Deus foi tão invocado por mim nas outras vidas, porque na hora de levantar, com o balão e a ancora juntas, sentia que esta era tarefa mais dura de até então... Mas levantei e fui ao banho lavar o corpo novo e a lama que agora estavam juntos, antes separados pela vida. Corpo, lama, fluidos, líquidos e sei mais o que lá, que lá mesmo ficou nas águas que um dia se encontrarão, A água escorria pelas costas, o mundo rodava e a sensação de líquido vital era morna e agradável. Ai



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

[laboreuerj@yahoo.com.br](mailto:laboreuerj@yahoo.com.br)

[www.polemica.uerj.br](http://www.polemica.uerj.br)

LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

---

mundo novo paradoxal. Uma coisa de louco e louca eu já estava. Tudo era novo e primitivo até a raiz mais profunda dos seres humanos. Tudo essencial.

O sabão a ser esfregado por minhas costas, ai que coisa gostosa e a vontade fechar os olhos e fazer de conta que ali eu poderia ficar para sempre, no conforto de um elemento conhecido.

Minha morna água de onde eu vinha há tempos, dentro e fora e eu quieta sorvendo pela pele, porque meio peixe, meio gente... o prazer da água de todos.

Passado o tempo de voar, o tempo de ancorar, o tempo de usar os braços, o de deixar a água escorrer e agradecer por tão deliciosa sensação, passei a outra etapa do conhecimento do que é viver neste novo corpo.

Usar as pernas que Deus me dera foi uma etapa estranha, porque acho que ao nascer, deixaram um fio de arame numa linha equatorial invertendo meus sentidos. Gases abaixo da ancora e esta agora em cima. Tudo invertido com certeza. O mundo novo, de Huxley não virava de pernas para o ar. Só era o Admirável mundo novo. Ai ai... quanta erudição para tão jovem ser. Presunção ou tentativa de mudança de assunto.

Ah, e o que tremiam e tremem? Gelatina, coisa estranha que agora eu vivia. Reaprender a usar o corpo, já que novo, tudo era também a ser aprendido. As mãos. As mãos de artista que segura firme o pincel e sabe como cortar um pedaço de madeira agora tremiam feito vara verde.

Mas um dia depois do outro e no dia seguinte sempre será melhor e assim foi. Hoje já se passam alguns dias de meu nascimento e estou vivendo numa casa boa cercada de amigos que me ajudam a aprender a viver.

Voltar a viver com um corpo alterado. Volto a viver num corpo alterado. Até quando? Nem Blade Runner descobriu e mesmo assim entrou na nave e foi viver sua felicidade.

O amor. Sem ele, o que seria dos seres? De todos? Dos gatos? Dos pássaros? Dos homens? O amor salvou a um e salvará a mim, que sou muitas.

Mas tudo tem sua hora e a precipitação nunca foi boa companhia.

A ignorância dá e tira a alegria de tudo e de todos. Não é nenhum benefício, ela simplesmente existe e eu sorria naquele calor escorrendo por minhas pernas. Ah, que



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

[laboreuerj@yahoo.com.br](mailto:laboreuerj@yahoo.com.br)

[www.polemica.uerj.br](http://www.polemica.uerj.br)

LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

---

felicidade de poucos minutos, mas uma felicidade eterna. Não há bem que não se acabe nem mal que dure para sempre.

Verdade.

Corpo mais complicado que pedia uma viagem de avião, com uma manta no sorriso e uma caminhada até o banheiro. Operação de guerra. Venci.

Foi nas asas de um avião que eu segurei a primeira vez na tua mão. O amor brotou e a alegria da solidariedade aflorou. Durou pouco, porque o Barão de Itararé é danado.

Não espere nada de onde nada mesmo virá.

Nem água.

Mas a sorte é grata e joga seu manto sobre todos que a acolhem. Meus macacos, meus pássaros, indo e vindo na alegria a liberdade, comendo as bananas cor de ouro.

Meu coração começa a identificar o que deve entrar , o que deve sair e eu vou ser mais feliz.

São Paulo, 28 de agosto de 2010.  
Rio de Janeiro, 9 de setembro de 2010.

**Recebido em 26/05/2011**

**Aceito em 30/05/2011**



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

[laboreuerj@yahoo.com.br](mailto:laboreuerj@yahoo.com.br)

[www.polemica.uerj.br](http://www.polemica.uerj.br)